

ESTÁGIO DE INTERVENÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO NO ENSINO MÉDIO EM AULAS REMOTAS

Mariane Sousa Andrade¹
Geisiane Nunes de Melo²

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma experiência no Estágio Supervisionado de Intervenção no Ensino Médio, vivenciada de forma remota, no ano de 2020, pela plataforma Google Meet, em duas turmas do 3º ano, de uma escola pública da zona urbana, localizada no cariri paraibano na cidade de Monteiro. O principal objetivo é relatar a experiência durante as aulas de intervenção abordando a temática “Texto Dissertativo-Argumentativo”. O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, na perspectiva Goldenberg (1997) e pesquisa descritiva, baseada em Gil (1999). Como referencial teórico-metodológico temos: Araújo e Silva (2015), Bakhtin (1997), Brasil (2007; 1998), Bronckart (1999; 1994), Dolz (1996) e Marcuschi (2005). O resultado dessa experiência apresentou resultados satisfatórios, pois, os através do processo de reescrita textual do texto dissertativo-argumentativo, os alunos conseguiram desenvolver o texto de forma adequada, atendendo ao gênero e perceberam a importância da reescrita para enriquecer o texto.

Palavras-chave: Estágio de Intervenção, Ensino Remoto, Texto Dissertativo-Argumentativo.

Introdução

O texto dissertativo-argumentativo é muito utilizado em provas como: Exame Nacional Comum Curricular (Enem), Vestibulares, concursos entre outros espaços. Através dele, podemos desenvolver a nossa argumentação, e ela é muito necessária, pois, o tempo todo estamos argumentando sobre determinado assunto, até mesmo no dia-a-dia. Dependendo do contexto social no qual o sujeito estiver inserido, é necessário dominar as competências que o gênero exige, por isso, é importante trabalhar o conteúdo no âmbito educacional.

Durante a nossa experiência com o Estágio Supervisionado no Ensino Médio, em 2020, tivemos o desafio de uma experiência docente que se desenvolveu na modalidade

¹ Licencianda do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, mariane.andrade@aluno.uepb.edu.br

² Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, geisiane@servidor.uepb.edu.br

de Ensino Remoto, devido ao contexto da pandemia da COVID-19. Trabalhamos com o Texto Dissertativo Argumentativo, direcionado para os alunos do Ensino Médio, com o foco para a preparação do Enem. A experiência pedagógica foi realizada pela Plataforma do Google Meet, com duas turmas do 3º ano, da escola Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Oliveira Chaves, do município de Monteiro-Paraíba.

Para aperfeiçoar o desenvolvimento deste trabalho, nos baseamos nas seguintes bibliografias: Marcuschi (2005), que conceitua o que são os gêneros textuais, Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) que nos apresenta uma discussão em relação a linguagem. No que diz respeito a elaboração do texto, Bronckart (1994), Schneuwly e Dolz (1996), Araújo e Silva (2015), desenvolvem uma discussão em relação aos gêneros textuais e ensino e, por fim, apresentamos essa questão já presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Com a experiência remota, tivemos algumas dificuldades, porém, obtivemos resultados satisfatórios em relação às produções textuais feitas pelos discentes, e o processo de reescrita foi um dos fatores que ajudou no desenvolvimento dos alunos, além das discussões sobre o conteúdo.

A seguir, entraremos na discussão baseada nos teóricos-metodológicos. O trabalho está dividido em: Conceituando os gêneros textuais; Gêneros textuais e Ensino; O trabalho com o gênero Texto Dissertativo Argumentativo; Metodologia; Resultados e discussões das aulas e, por fim, conclusão.

Metodologia

Para os objetivos do trabalho serem alcançados, utilizaremos a abordagem da pesquisa qualitativa e descritiva. De acordo com Goldenberg (1997), na pesquisa qualitativa o sujeito se preocupa com a compreensão de um grupo e utilizam maneiras para esclarecer o motivo das coisas. O indivíduo assume dois papéis: sujeito e objeto do seu estudo, tendo que ser parcial e limitado. Já a pesquisa- descritiva, segundo Gil (1999), tem por objetivo descrever uma série de informações de determinada realidade que será estudada.

A pesquisa se desenvolverá a partir da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado de Intervenção, na modalidade de Ensino Remoto, em uma escola estadual do município de Monteiro-Paraíba, na turma do 3º ano do Ensino Médio,

composta por sete alunos. Foram ministrados seis encontros, através da plataforma Meet, durante três semanas do mês de outubro de 2020.

Conceituando os gêneros textuais

Os Gêneros Textuais são decorrentes dos fatos históricos, culturais e sociais. Estão presentes no nosso dia-a-dia sem percebermos, pois, de acordo com Marcuschi (2005), comunicamo-nos o tempo todo por meio de gêneros, mesmo sem o conhecimento teórico, os indivíduos fazem uso no cotidiano. Eles surgiram mediante a necessidade da comunicação, e através do mundo altamente globalizado, no qual estamos inseridos, a tecnologia acaba sendo um dos fatores que contribuem para o aparecimento de novos gêneros.

Na primeira fase do surgimento dos gêneros, havia uma limitação com o seu desenvolvimento pelos povos de cultura oral. Mas, ao longo do tempo, foram se desenvolvendo cada vez mais gêneros textuais voltados para a escrita, quebrando a limitação ao oral.

Com a industrialização, houve uma grande expansão no que diz respeito aos gêneros, primeiramente, com a cultura eletrônica (telefone, rádio, televisão etc.), em seguida, a internet, que, conseqüentemente, acabou resultando no surgimento de novos gêneros, tanto orais, quanto escritos, conforme explica Marcuschi (2005, p. 2))

[...] surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos, aulas virtuais e assim por diante.

A linguagem está intrinsecamente ligada aos gêneros textuais, pois sem eles, seria impossível nos comunicarmos verbalmente com o outro. Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) defendem essa ideia na qual a língua versa com os pontos discursivos e enunciativos que possuem natureza funcional e interativa.

De acordo com Marcuschi (2005, p. 5), os gêneros são constituídos com ações sociodiscursivas e o autor traz a noção de gênero textual, segundo ele:

[...] os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizados

em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.

Nesse sentido, de acordo com esta noção de gênero abordada por Marcuschi (2005), que é inspirada em Bakhtin, todo e qualquer texto irá depender do contexto no qual se encontra e deve atender a circulação, funcionalidade, conteúdo, estilo e composicionalidade. Esses textos materializados são encontrados na vida cotidiana, possuem características sociocomunicativas que funcionam através de formas relativamente estáveis, pois estão sempre se apropriando de outros gêneros e são adaptáveis a cada situação.

Segundo Bakhtin (2000), todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, e esta é realizada em forma de enunciados, que dependerá das condições específicas e finalidades de cada campo. Há uma heterogeneidade de gêneros do discurso que fazem parte do dia-a-dia e são resultados de situações espontâneas dos gêneros primários e secundários.

De acordo com Bakhtin (2000), os gêneros primários são situações de linguagem espontâneas, que ocorrem no cotidiano, não necessitam de uma aprendizagem formal, os falantes vão aprendendo no dia-a-dia através da interação com o outro, como por exemplo, diálogo, bilhete, receita, entre outros. Já os gêneros secundários, precisam de uma elaboração prévia e circulam em instâncias específicas, necessitando de uma linguagem formal (pesquisas científicas, romances, dramas, entre outros gêneros).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em seu documento de caráter normativo, também traz essa noção de texto interligado com os gêneros, pois:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. (BRASIL, 1998, p. 21).

Como vemos, os gêneros textuais estão extremamente presentes no nosso cotidiano e é através deles que organizamos as nossas falas de acordo com o contexto no qual estamos inseridos. O texto ganha centralidade nos conteúdos, objetivos e habilidades a partir de um determinado gênero.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dialoga com essa ideia de texto que os PNCs trazem e pontua que conhecimentos sobre gêneros, textos, língua, norma,

diferentes linguagens deve ser trabalhado em sala de aula para o desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de texto nas diferentes esferas sociais.

A BNCC (2017) em seu documento esclarece que o componente curricular de Língua Portuguesa deve proporcionar aos alunos o contato com diferentes letramentos através das práticas de linguagem contemporânea que envolvam novos gêneros, textos multissemióticos e multimidiáticos para fazerem os discentes aprenderem novas formas de produções. Essas práticas de linguagens são trabalhadas através dos eixos de integração correspondentes ao documento: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística.

Gêneros Textuais e Ensino

Muitos autores discutem a respeito dos gêneros textuais voltados para o ensino, tais como: Bronckart (1994), Schneuwly e Dolz (1996), Araújo e Silva (2015), entre outros. Bronckart (1994), em sua proposta com o ensino de gêneros, define a ideia de que a língua deve se basear no estudo de gêneros, pois para o autor, eles possuem infraestrutura textual que ajuda na organização de um texto e da enunciação.

Schneuwly e Dolz (1996), trazem como sugestão quatro etapas para se trabalhar com o modelo didático. A primeira é construir um modelo didático, no qual é necessário fazer a escolha de um gênero textual pensado no contexto da turma. A segunda é identificar cada uma das etapas escolhidas, o professor observa como o discente opera no passo anteriormente citado. A terceira é elaborar e conduzir as atividades de produção, onde ocorre a construção dos módulos da sequência didática e, por fim, a última etapa, avaliar e conduzir as capacidades de produção, que analisa o desenvolvimento em relação ao gênero trabalhado.

Schneuwly e Dolz (1996) falam que o ensino deve ser voltado para se trabalhar com os gêneros e ter a finalidade de proporcionar uma situação que permita aos discentes superar seus limites relacionados aos conteúdos. De acordo com os autores, a escola, como um dos maiores agentes da aprendizagem, deve incentivar os educandos a produzir textos, respeitando as funções sociais e que o referido contato com os gêneros é decorrente das práticas sociais da sociedade.

Bonckart, Schneuwly e Dolz fazem parte da corrente teórica chamada ISD (Interacionismo Sociodiscursivo), corrente que se dedica ao desenvolvimento da

didatização dos gêneros textuais. Os autores se preocuparam com esse processo de “didatização dos gêneros” para a sala de aula e, a partir dessa corrente teórica, surgiu a proposta de sequência didática para trabalhar com os gêneros textuais.

Schneuwly e Dolz (2004) apresentam um modelo de sequência didática que é dividida em: apresentação inicial da situação, produção inicial, módulos e produção final. Na apresentação inicial da situação, é necessário descrever de forma detalhada a tarefa que o discente irá fazer, isto é, prepara-lo para a produção inicial. É apresentado um problema de comunicação e há a preparação dos conteúdos dos textos que serão feitos. Na produção inicial, os discentes escrevem a primeira versão e têm o primeiro encontro com o gênero. Os módulos são desenvolvidos a partir dos problemas que ocorreram na primeira versão do texto do aluno, e, a última etapa, a produção final, o discente apresenta seu texto oral ou escrito e o professor faz uma avaliação somativa, com os critérios que foram postos durante a sequência didática, que ocorre de forma contínua.

Araújo e Silva (2015) trazem a sugestão dos gêneros textuais serem trabalhados em sala de aula durante todo o processo escolar, pois assim, são desenvolvidas as capacidades discursivas de escrita, linguagem e, também, há um contato maior dos alunos com diferentes textos.

O trabalho com o gênero Texto Dissertativo Argumentativo

O texto Dissertativo Argumentativo é um gênero textual que geralmente é cobrado em exames como o Enem e outros vestibulares. Sua tipologia está presente no nosso dia-a-dia, pois sempre estamos argumentando, seja oralmente, seja escrevendo. É um gênero relativamente estável, porque ele acaba fundamentando muitos outros.

Um texto dissertativo argumentativo envolve um encadeamento de ideias lógicas que dependem da coesão e coerência. Seu objetivo é convencer o leitor sobre aquilo que está sendo exposto na tese através dos argumentos. Coroa (2017, p. 69) afirma:

[...] uma tese sustenta-se como verdadeira quando apoiada em argumentos que permitem uma continuidade de sentidos que não admitem contestação válida. Por outro lado, se a tese não for admitida, aceita como plausível, os argumentos tornam-se vazios ou inócuos. Por articular os sentidos em uma rede de ações linguísticas de convencimento, é o tipo que predomina em textos que têm como objetivo provocar o leitor para um posicionamento a respeito de algum ponto de vista – como em editoriais de jornais e revistas – e, principalmente, em textos publicitários que pretendem “vender” uma ideia, serviço ou produto.

Conforme foi dito, em um texto dissertativo argumentativo é necessário haver uma tese, e esta ao longo do texto deve ser defendida através dos argumentos para convencer o leitor sobre aquilo que está sendo defendido, e isso ocorre através dos encadeamentos de ideias articuladas no texto fazendo o uso de operadores argumentativos.

Segundo Cruz (2013), tratando-se do Exame Nacional do Ensino Médio, o indivíduo não precisa apenas fazer uma boa produção textual, mas também, está atento às regras que o exame exige, nas quais dependem das cinco competências da prova:

I – Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita; II – Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo; III – Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista; IV – Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação; e V – Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos. (BRASIL, 2019, p. 6)

Os domínios dessas competências são fundamentais para a construção de um texto Dissertativo Argumentativo (redação solicitada no ENEM). O professor, de acordo com Garcez (2017), possui o desafio em ter que desenvolver todos os passos na produção de texto com o aluno, como domínio da língua, planejamento, elaboração, revisão, reelaboração final, tudo voltado para as competências exigidas pelo Enem.

Na competência I, Garcez (2017) afirma que o educador tem que trabalhar com aspecto gramaticais, gêneros do discurso e alguns procedimentos não internalizados de forma individual no aluno e que reescrita da redação é o melhor método para os discentes a reflexão das normas através dos problemas encontrados na sua própria produção textual.

Na competência II, o docente precisa estimular as habilidades de leitura, compreensão e interpretação de textos. Tornar o aluno um leitor proficiente, para assim, entender a proposta de redação e textos motivadores. É nessa habilidade também que, de acordo com Garcez, o aluno aprende que é necessário usar a impessoalidade, evitar fugir do tema e usar a linguagem formal.

Na competência III, entra a questão da coesão e coerência, que são elementos fundamentais para construir um texto Dissertativo Argumentativo. A competência VI possui relação com a anterior, pois é necessário que o professor trabalhe com os recursos

coesivos do texto. Por fim, na competência V, o aluno precisa trazer soluções para a proposta de intervenção.

Em suma, o gênero texto Dissertativo Argumentativo é um gênero textual importante para ser trabalhado no contexto de sala de aula, pois é exigido em exames que medem as competências e habilidades dos alunos.

Planejamento didático

Neste item, descreveremos a metodologia utilizada durante o Estágio Supervisionado de Intervenção. A metodologia do trabalho foi desenvolvida através da experiência no Estágio Supervisionado de Intervenção no Ensino Médio na modalidade remota, no ano de 2020, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Oliveira Chaves, do município de Monteiro-Paraíba, em duas turmas dos 3ºanos do Ensino Médio.

O assunto trabalhado nas turmas foi o “texto dissertativo-argumentativo”, inserido no Eixo Bimestral que o Estado manda para as escolas, tendo como objetivo desenvolver competências e habilidades necessárias para o aprendizado do aluno, se baseando na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para discutir o texto dissertativo-argumentativo, foram planejados seis encontros pelo Meet com exposição de slides e para dinamizar os encontros, utilizamos o site “Menti” e um formulário com as seguintes perguntas: “O que você entende por texto? Você tem dificuldade ao escrever um texto dissertativo-argumentativo? Qual?”, com o objetivo de saber o conhecimento prévio dos alunos.

As dinâmicas das aulas se desenvolveram da seguinte maneira: no primeiro encontro, discutimos noção de texto, tipologia textual, gênero textual, estrutura do texto dissertativo argumentativo e solicitamos a primeira versão da escrita dos alunos com o tema: “Caminhos para combater a violência doméstica no Brasil”. Os textos que funcionaram como base foram alguns gêneros textuais discutidos durante algumas aulas, como: o conto “Os olhos dos mortos”, de Mia Couto, infográficos com dados de feminicídio, manchetes de notícias, vídeos e memes, todos circulados nas mídias sociais e de fácil acesso.

No segundo encontro, falamos sobre tese e tipos de argumentos com exemplos para os educandos analisarem. No terceiro encontro, houve uma explanação em relação

às competências exigidas do Enem. No quarto encontro, discutimos sobre coesão e coerência. No quinto encontro, levamos três produções escritas pelos alunos e fizemos uma análise dialogada sobre o conteúdo, estrutura, possíveis inadequações e sugestões para melhoria. Ao final da aula, solicitamos a reescrita do texto.

Na última aula, os alunos apresentaram a produção final do Texto Dissertativo Argumentativo e compartilharam no mural do Google Classroom, para todos terem acesso aos seus textos. Em todas as aulas, antes de discutirmos os assuntos, ouvimos os conhecimentos prévios dos educandos e instigamos participação dos alunos nas discussões e leituras dos textos inseridos nos slides. também houve interação dos alunos nas leituras dos textos.

Resultados e Discussões das aulas

Com os encontros, pudemos perceber que boa parte dos alunos desconheciam o nome do gênero “texto dissertativo-argumentativo”. Muitos, conheciam o gênero apenas pelo nome “Redação do Enem”. Observamos que durante a sondagem de atividade prévia, feita através do formulário de perguntas sobre texto dissertativo-argumentativo, que é utilizado na Redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os alunos citaram as seguintes dificuldades: “embasar adequadamente as informações no texto”, “desenvolvimento das ideias” e “argumentar bem”.

Através da primeira versão da escrita, os discentes apresentaram dificuldades sobre alguns aspectos como: fuga do tema, vocabulário inadequado, coesão e coerência, tese, ortografia, adequação a estrutura do gênero, justificativa dos fatos apresentados, contextualização, articulação das ideias e repetição de palavras. Dificuldades estas que corroboram com a atividade prévia que aplicamos com o formulário.

De acordo com Mendonça (2006), na produção textual é necessário se trabalhar o uso e a reflexão envolvendo a análise linguística. Os professores podem fazer essa junção fazendo leitura e comparação de textos, reescrita de textos dos próprios alunos ou de trechos, fazer os alunos perceberem as diversas maneiras que se estrutura uma frase e perceber o sentido, trabalhar com textos dos alunos como exemplo para fazer reflexão e perceber maneiras mais adequadas para se trabalhar um gênero, entre outros aspectos.

Foi o que fizemos com esta aula, utilizamos três exemplos de textos dissertativos-argumentativos escritos pelos discentes e discutimos as inadequações, possíveis soluções

e os fizemos perceber diferentes maneiras de melhorar o texto, deixando-o com clareza. Os alunos se basearam através da Lista de controle do gênero “Texto Dissertativo Argumentativo” presente abaixo:

O texto está adequado ao contexto de produção dado?
O texto atende ao objetivo do gênero?
Adequa o vocabulário ao tema?
Apresenta uma contextualização?
Conclui o texto adequadamente (reforça a posição ou deixa uma ?questão para refletir ou, ainda, apresenta soluções)
Evita desvios de linguagem, marcas de oralidade?
Atende a norma padrão da língua portuguesa?
A pontuação está adequada?
A ortografia está correta?
A caligrafia está legível?
A estética do texto está padronizada (espaçamento dos parágrafos, sem rasuras?)
Emprega letra maiúscula adequadamente?

Com a segunda versão do texto dos alunos, notamos uma melhora no desenvolvimento da escrita, comparado à primeira versão. A maioria, conseguiu atender a estrutura do gênero e ao tema, houve clareza e articulação das ideias, contextualização, desenvolveram-se melhor na construção da escrita.

Também conseguiram perceber a importância da reescrita, pois acreditamos que através dela, temos a oportunidade de reler, fazer correções, melhorar cada vez mais a escrita. Os discentes relataram que geralmente não realizavam a reescrita de textos, apenas olhavam as correções que, na maioria das vezes, visam apenas aspectos gramaticais.

Com o processo de reescrita, pudemos interagir e aprender uns com os outros, como também, mostramos a importância desse processo, pois não serve apenas na Redação final do Enem, com o objetivo de atingirem a nota máxima, mas, o quanto

esse gênero também está presente em outros espaços pelos quais os educandos irão passar.

Com a experiência dessas aulas, se faz necessário falar sobre a modalidade, pois o Ensino Remoto é totalmente diferente, até a forma de se trabalhar um assunto, algumas vezes, acaba sendo não muito proveitoso, porque não sabemos se de fato todos estão assistindo às aulas e, também, não olhamos os rostos, principalmente as expressões faciais, para ver se estão compreendendo o assunto. A interação também muda, porque poucos alunos participam das aulas, tanto nas síncronas, que são os encontros online, quanto nas atividades assíncronas, voltadas para a elaboração das atividades solicitadas, que antes eram feitas em sala de aula.

Conclusão

Sem atribuir o caráter de conclusão, analisamos que o gênero texto dissertativo-argumentativo é de suma importância, pois através dele, organizamos a nossa argumentação e, se tratando do Enem, como um exame que abrange portas de acesso para os vestibulares, o aluno deve ter pleno conhecimento, pois depende das competências e habilidades exigidas pela redação, para assim atingir um bom resultado.

Durante a realização das aulas, os alunos apresentaram algumas dificuldades ao elaborar o texto e trabalhamos em cima delas, com o exemplo das sondagens, para que pudessemos verificar as situações analisadas para o aprendizado. Com o processo de reescrita, ampliamos a bagagem cultural deles, mostrando uma das formas de melhorar o texto, sem apenas visar em correções gramaticais, como na maioria das vezes acontece.

Vale ressaltar que é necessário que, ao se trabalhar com a produção escrita de qualquer gênero textual, o professor busque formas de sondar os alunos e trabalhar mediante as dificuldades deles, utilizando o processo de reescrita, pois com ele, os educandos desenvolvem mais competências e habilidades sobre a escrita e também melhora o seu texto.

Em suma, apesar do contexto, as aulas de forma geral foram ministradas e obtivemos resultados positivos. Alguns alunos interagiram através do microfone nas aulas, outros participaram pelo chat. De modo geral, foram interações construtivas e ocorreu um bom ensino-aprendizagem entre professor e aluno, pois tivemos excelentes discussões em torno da temática trabalhada, através da atividade de produção textual,

pudemos perceber uma melhora com a escrita, através das retomadas das aulas, percebemos que havia compreensão sobre os conteúdos explorados.

O Estágio Supervisionado de Intervenção também foi importante para o processo de formação docente, pois pudemos compreender um novo contexto de sala de aula, a importância de sempre procurar inovar as nossas metodologias, trabalhar com conteúdo que atraia o aluno para participar da aula. Fez ampliar nossas práticas pedagógicas envolvendo um novo letramento, como uso de tecnologias que são fundamentais para acompanhar as novas gerações.

Referências

ARAÚJO, Denise Lino de; SILVA, Williany Miranda da. **Gêneros (escolarizados) em contextos de ensino**. Curitiba: Aprís, 2015.

BAKTIN, Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRUZ, Samelly Xavier. **Um novo uso para a “antiga” dissertação: caracterização da proposta de redação no Enem, à luz da sociorretórica**. Dissertação (unidade acadêmica de Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

COROA, Maria Luiza. **O Texto Dissertativo-Argumentativo**. In: Textos Dissertativos-Argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores. Brasília, 2017.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa**. Antonio Carlos Gil- 6.ed-São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.